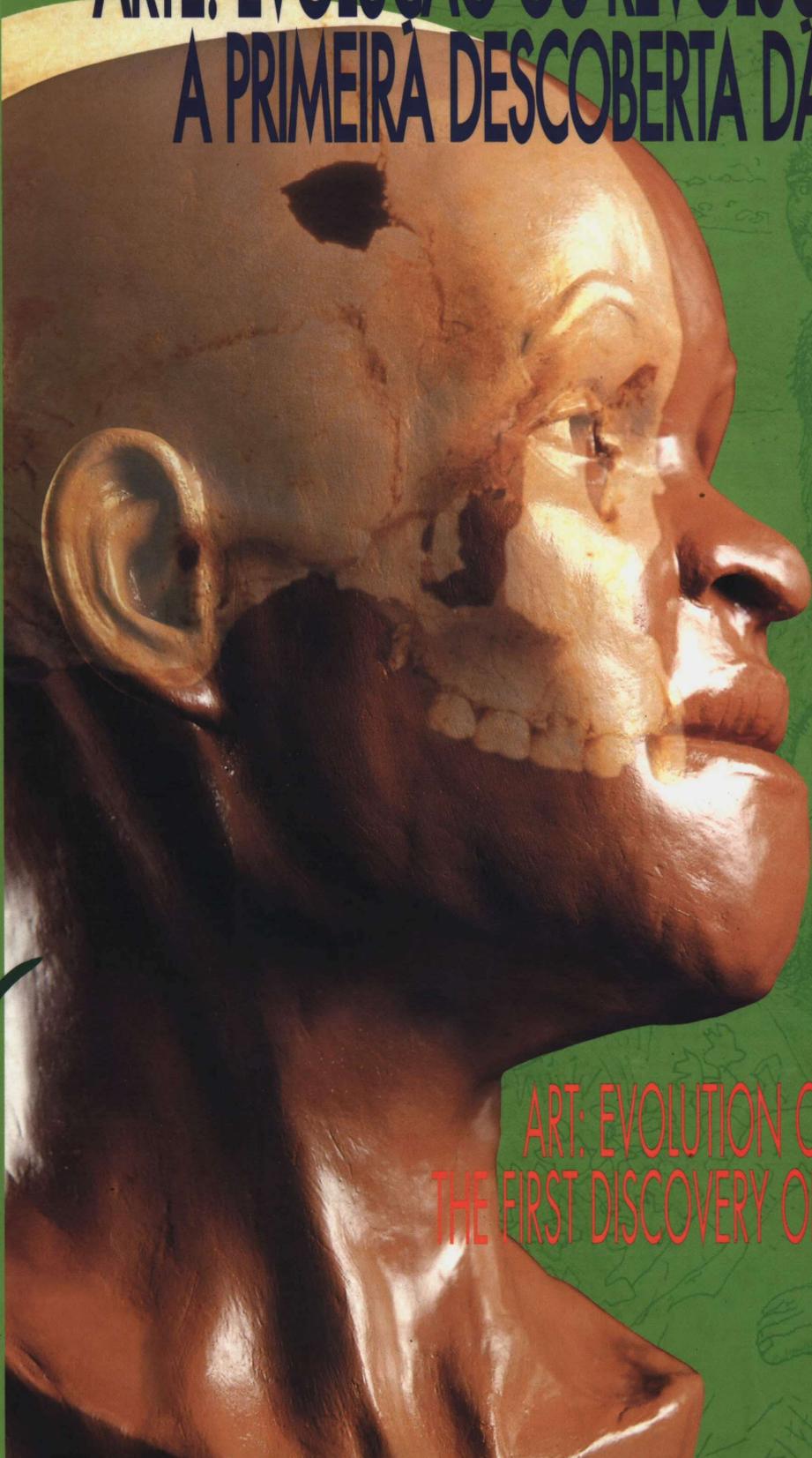


ARTE: EVOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO? A PRIMEIRA DESCOBERTA DA AMÉRICA

Mostra do  edescobrimento

ART: EVOLUTION OR REVOLUTION
THE FIRST DISCOVERY OF THE AMERICA



Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais



Conselho de Administração Board of Trustees

Edemar Cid Ferreira
Presidente da Diretoria Chairman of the Board

Pedro Paulo de Sena Madureira
Vice-Presidente da Diretoria Vice Chairman of the Board

Carlos Bratke
Presidente da Diretoria Chairman of the Board **Fundação Bienal de São Paulo**

Beatriz Pimenta Camargo

Pedro Aranha Corrêa do Lago

Julio Landmann

René Parrini

Luiz A. Seraphico de Assis Carvalho
Presidente do Conselho de Administração Chairman of the Administrative Council **Fundação Bienal de São Paulo**

Francisco Weffort
Ministro da Cultura Minister for Culture

Marcos Mendonça
Secretário de Estado da Cultura Secretary for Culture, State of São Paulo

Rodolfo Konder
Secretário Municipal de Cultura Municipal Secretary for Culture, São Paulo

Conselho Fiscal Audit Committee

Álvaro Augusto Vidigal

David Feffer

Mendel Aronis

A Mostra do Redescobrimento constitui o panorama mais arrojado que já se projetou sobre a arte brasileira, abrangendo desde as grandes culturas pré-coloniais até a contemporaneidade. Não foram medidos esforços para reunir em seu bojo os objetos artísticos dos mais prestigiosos museus e coleções particulares nacionais e internacionais.

Para dar conta do empreendimento foi instaurada, no âmbito da Fundação Bienal de São Paulo, a Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais.

Não se trata de mera celebração, mas de um exercício crítico que há muito desafia a capacidade de realização de todos os que prezam a arte. Pesquisas de historiografia artística, novos achados de sítios arqueológicos, acervos desconhecidos estão convocados nessa hora pela primeira vez. Os 12 módulos que compõem a exposição ostentam a mesma dignidade. Entre eles se incluem as artes populares, afro-brasileiras, indígenas e as imagens do inconsciente. Consuma-se o sonho do visionário crítico Mário Pedrosa, que defendeu a criação de um ponto de convergência que levasse em conta realizações contundentes e, no entanto, até agora estanques da arte nacional.

Curadores da mais reconhecida competência foram solicitados para levar a cabo essa visão integral e não excludente da cultura brasileira. Os catálogos dedicados ao evento flagram os momentos altos desse encontro, acompanhados por ensaios dos respectivos especialistas.

A exposição em sua totalidade apresenta-se no Parque Ibirapuera, desenhado para comemorar um outro aniversário, o quarto centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Naquela ocasião, o arquiteto Oscar Niemeyer, dando seqüência a trabalhos que integram construção à paisagem, concebeu um conjunto de edificações em meio ao verde. O todo visa ao lazer de uma comunidade, orientado pela articulação da arte e da técnica. No ano 2000, ocorre a extensão desse anseio mediante a ocupação artística de três pavilhões e da restituição da marquise ao prazer do transeunte, que exerce o direito de ir e vir num passeio sombreado, ao abrigo das intempéries.

Três edifícios estão disponíveis para o desdobramento da mostra: o Lucas Nogueira Garcez, famoso por sua forma semiesférica, o Ciccillo Matarazzo, conhecido pelas Bienais, e o Padre Manoel da Nóbrega. Entre os módulos da exposição está a carta de Pero Vaz de Caminha, certidão de nascimento da nação brasileira, vinda da Torre do Tombo, expedida à cidade pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses antes de se endereçar a Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

O fato de a Mostra ocupar vários pontos do parque aponta para o entrelaçamento das entidades governamentais do Município e do Estado de São Paulo (detentoras dos prédios do Ibirapuera), a que vem se somar a iniciativa privada, principal fomentadora do evento.

O que ultrapassa a capacidade de ser exposto está contemplado em uma instalação virtual, meio apropriado para dar conta de manifestações artísticas de cunho territorial, como os sambaquis do litoral do país, a arte rupestre registrada em reservas naturais e as cerimônias indígenas, seus rituais e inscrições corporais. A comunicação daquilo que extravasa os limites físicos necessita de um veículo inédito capaz de propiciar um acréscimo substantivo à percepção. A projeção gerada com tecnologia de alta definição digital desempenha esse papel.

A mostra em São Paulo e sua itinerância no solo pátrio tornam sensível a noção de cidadania pela incorporação do legado artístico, criando um novo momento na autoestima do brasileiro.

No circuito internacional, a viagem de nosso patrimônio, em estreita colaboração com a curadoria dos mais prestigiosos museus do mundo, revelará e afirmará uma nova dimensão do país, até então desconhecida, na cena globalizadora contemporânea.

Para tanto, o governo brasileiro credenciou nossa Associação para responder a tudo o que toca às artes visuais no aniversário do Brasil, consagrando uma vocação voltada para a atualização da sensibilidade e da inteligência crítica nacionais.

Edemar Cid Ferreira

President of the Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais

ARTE: EVOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO?
A PRIMEIRA DESCOBERTA DA AMÉRICA
MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO

Nelson Aguilar

Curador-Geral

Brasil 500 Anos Artes Visuais

Com a participação de Walter Neves e André Prous, Brasil +500 Mostra do Redescobrimento torna-se radical no sentido lato, atinge as raízes do homem americano. Ainda assim, o duo curatorial foi além, propôs a criação de um módulo que demonstra que a arte é rigorosamente coetânea ao surgimento da humanidade.

O homem já possuía havia muito os atributos que justificavam sua inscrição no movimento cultural que o conduziria às grandes civilizações, mas só aparentemente, uma vez que a capacidade de simbolização se manifestou cerca de 45.000 anos atrás, como parte de uma vontade unificada de ser. Ao lado do poder simbolizador, ressoa em unísono a vida cooperativa envolta por rituais de religação do grupo social, pelo culto aos ancestrais por meio de sepultamentos que evidenciavam o despertar da consciência como tempo vivido.

A contribuição de Neves desponta em mais de uma direção. A formação de biólogo e arqueólogo lhe impõe uma dupla resistência. Dirigindo o Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP), ele conhece como ninguém os limiares que os ascendentes do gênero humano tiveram de atravessar para alcançar um resultado em que o corpo e a mente se contrabalançassem para tornar possível o advento do homem tal como é. A bipedia, a capacidade manipulativa, o aumento do cérebro e da anatomia dos ancestrais do homem moderno não se tornam mera abstração no ensinamento do professor, mas etapas de um processo com a densidade que a ciência da vida aliada ao conhecimento pré-histórico sabem detectar. A experiência arqueológica, marcada por uma autonomia intelectual que lhe deu o discernimento de abandonar os institutos de pesquisa que não estavam à altura de suas exigências, serviu para recusar o canto de sereia do cientista como observador absoluto, dotando suas descobertas de apurada inserção etnográfica.

A colaboração com André Prous, do setor de arqueologia do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, fornece à exposição um embasamento estético fora do comum. Músico e teórico do paisagismo, Prous leva suas premissas arqueológicas tão a sério que zela pela pureza da manifestação cultural do homem pré-histórico, descartando interpretações marcadas pelo afã de transferir noções atuais ao passado remoto. Nos anos 60, marcados pelas

experiências de expansão dos sentidos e da mente pelo uso de drogas, pensou-se que a explicação da arte rupestre estaria ligada a experiências alucinógenas. Ou antes disso, atribuía-se às pinturas de caverna uma função psicodramática, antecâmara da caça feliz. O arqueólogo franco-mineiro evita qualquer generalização e efetua o inventário paciente dos desenhos parietais em busca de uma compreensão tributária tão somente do trajeto da pesquisa.

As pinturas parietais exigem uma noção de arte que transcende o convencional embate entre o visitante do museu e a obra. Os museus durante muito tempo tiveram como modelo a sala de troféus coletados por um grupo hegemônico. A arte tornou-se celebração dirigida a um público específico, composto por um circuito de especialistas, colecionadores e amadores. Os museólogos primitivos tinham algo de caçadores que apontavam o rifle ao animal em movimento, sancionando-o de imobilidade ao acertarem o alvo. A operação subsequente era a extração da pele, da cabeça da presa, para ornarem um ambiente cinegético. O comportamento exibicionista orientou instituições científicas e artísticas. Isso proporcionou um índice de passividade que a melhor arte de qualquer época jamais almejou. A arte contemporânea revela as estratégias de dominação que os museus inventaram para enaltecer as pulsões dos entesouradores.

A arte revela a verdade do sentido. Porém sentido deve ser entendido em sua tríplice acepção: o sentido advindo dos órgãos de sentido, da sensibilidade; aquele correspondendo à significação, à inteligência e, enfim, o sentido vinculado à direção, que implica a conduta existencial. A obliteração de qualquer uma das vertentes amputa a arte de sua plena existência. Numa parede de gruta da Lagoa Santa, é impossível apanhar uma figura em flagrante delito de definir algo. Ela está lá às voltas com sua motricidade, participa de um comportamento coreográfico, em que o sentir está ligado ao mover-se.

Quando os pesquisadores afirmam que a arte forma frente com a humanidade, falam acerca da poesia, nascimento da fala, da música como organização rítmica de um universo sonoro, da mão que talha e eleva uma peça à sua possibilidade expressiva máxima. O módulo sobre evolução humana em Brasil +500 Mostra do Redescobrimento lança nova luz sobre o dito de Maurice Blanchot: "Quem não pertence à obra enquanto origem não fará obra alguma". Além de querer comunicar que o criador tem de estar presente em todas as etapas da produção, assinala que, para resultar, a obra de arte tem de se rivalizar com aquelas feitas no início dos tempos.

O submódulo "Arte: revolução ou evolução?" (Mais revolucionário que partidário do desenvolvimento gradual) levanta a luva de um novo desafio, o de contar a ocupação humana da América. Aqui, abandona-se o bom tom dos que querem fazer carreira científica sem tomar grandes responsabilidades. Como seria cômodo acatar as hipóteses defendidas por grande parte da comunidade acadêmica norte-americana e afirmar que o povoamento da América se deu há 12 mil

anos! Luzia torna-se um contra-argumento dessa datação, uma vez que o esqueleto encontrado no sítio da Lapa Vermelha IV de Pedro Leopoldo em Minas Gerais está datado entre 11.000 e 11.500 anos. Além do mais, a primeira brasileira apresenta uma morfologia diversa da dos índios, mais próxima dos aborígenes australianos ou dos africanos do que dos asiáticos. Esse é o compito da paleoantropologia e da arqueologia do século XXI que Neves e Prous estão prefigurando.

Por mais que se alegue que o módulo sobre evolução humana tenha o cunho de uma exposição científica, não se separa daqueles especificamente artísticos. O aforismo do artista Georges Braque, "A arte é feita para perturbar, a ciência apazigua", perde substância aqui. Em primeiro lugar, em virtude de o conjunto funcionar como um laboratório, um centro de estudos em que a razão analítica está em movimento. Em segundo, por participar do mesmo inconformismo que alimenta todas as vertentes de Brasil +500 ao quebrar dogmas acadêmicos.

Esse caráter insubmisso que subjaz, de alguma maneira, no melhor da atividade arqueológica brasileira provém da personalidade do fundador do Instituto de Pré-história, Paulo Duarte (1899-1984), que fez seus estudos no Museu do Homem, em Paris, durante exílio na ditadura Vargas. A instituição pertenceu no pós-guerra ao governo do Estado de São Paulo, transferindo-se em 1962 à USP e integrando-se em 1989 ao Museu de Arqueologia e Etnologia (USP). Paulo Duarte a dirigiu do início até seu afastamento pelo AI-5. Se a concepção geral de Brasil +500 Mostra do Redescobrimento for correta, deverá muito a esse educador.

A questão "Desde quando há humanidade no planeta?" sempre preocupou as sociedades humanas desde as primeiras civilizações. De maneira resumida, pode-se dizer que antes do evolucionismo, pensava-se numa antiguidade muito pequena para o fenômeno e que a questão era basicamente respondida pelo exame de linhagens geracionais a partir de algum texto sagrado específico.

Na medida em que o evolucionismo atingiu também o estudo das origens humanas e o campo da paleoantropologia passou a florescer a partir da década de 60 deste século, a tendência tomou extremos opostos.

Com a descoberta, no início dos anos 60, na Garganta de Olduvai (Tanzânia), pelo casal Leakey, das primeiras ferramentas de pedra e dos fósseis dos primeiros representantes do gênero Homo', datados de 1.8 milhões de anos, logo se passou a acreditar que a presença de algo que poderíamos chamar de humanidade no planeta remetia-se, no mínimo, a 2 milhões de anos.

Assim, durante os anos 70 e início dos 80, a maioria dos paleoantropólogos começou a atribuir a hominídeos cada vez mais antigos capacidades que caracterizam a humanidade tal qual a conhecemos hoje, mesmo aquela representada pelos grupos mais simples de bandos de caçadores-coletores², ainda remanescentes em alguns rincões isolados do planeta.

Alguns autores, por exemplo, chegaram a propor que os primeiros representantes do gênero Homo, datados de até 2 milhões de anos, já apresentavam características de organização social muito complexas como a cooperação, a divisão de comida e a reciprocidade, características típicas dos grupos caçadores-coletores ainda vivos ou do passado recente. Outros cientistas propuseram que os primeiros bípedes de cerca de 4 milhões de anos já apresentavam unidades familiares muito similares às nossas, com o permanente investimento do pai em sua prole e a constância monogâmica dos casais.

ARTE: EVOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO

WALTER NEVES CURADOR

ANDRÉ PROUS CURADOR ASSOCIADO

Os trabalhos paleontológicos e arqueológicos realizados na segunda metade dos anos 80 e durante toda a década de 90, somados também a pesquisas intensas realizadas sobre o comportamento de chimpanzés, gorilas e orangotangos, nossos parentes biológicos mais próximos (aliás muito próximos), fizeram que a partir dos últimos cinco anos nossa compreensão sobre as características comportamentais, sociais e culturais de nossos antepassados mais remotos sofresse grande modificação.

Embora ainda não seja consensual, o fato é que a maioria dos especialistas em evolução humana concorda que algumas características de humanidade apareceram muito tarde no processo evolutivo de nossa linhagem biológica.

Se olharmos a humanidade atual, mesmo aquela representada pelos grupos tribais mais simples ainda existentes no planeta, torna-se claro que a mesma pode ser definida, do ponto de vista evolutivo, como uma população de grandes primatas, com extensa distribuição geográfica, que se caracteriza pelo andar bípede (sobre duas pernas apenas), por alta capacidade manipulativa, por cérebros grandes e complexos, por uma organização social complexa, que comporta estruturas sociais além dos laços familiares nucleares, e por uma ilimitada capacidade de expressão simbólica e artística (incluindo aí a fala articulada).

Sabemos que alguns desses traços comportamentais apareceram, realmente, há muitos milhões de anos, como por exemplo a bipedia e a capacidade manipulativa das mãos. Outros apareceram há várias centenas de milhares de anos, como os cérebros grandes e complexos. Entretanto, certos aspectos de humanidade, como sociedades articuladas de maneira complexa e expressão artística, parecem ter surgido há apenas poucas dezenas de milhares de anos.

A BIPEDIA E A CAPACIDADE MANIPULATIVA TORNARAM-NOS HUMANOS?

Os primeiros bípedes surgiram no planeta muito provavelmente por volta de 5 milhões de anos. As espécies *Ardipithecus ramidus*, *Australopithecus anamensis*, *Australopithecus afarensis* (descobertas na Etiópia) e *Australopithecus bahrelghazali* (encontrada no Chade) são exemplos dos mais antigos representantes de nossa família evolutiva, no intervalo cronológico entre 4.4 e 3.0 milhões de anos. Apesar de completamente bípedes, esses primeiros hominídeos não apresentavam outras capacidades que poderiam distingui-los comportamentalmente dos grandes símios africanos e asiáticos. Não possuíam capacidade manipulativa manual diferenciada, não apresentavam cérebros grandes e complexos, organizavam-se socialmente como os chimpanzés e gorilas e nem

remotamente apresentavam qualquer capacidade de expressão simbólica. Eram verdadeiros "símios de pé".

As primeiras evidências do aparecimento de uma capacidade manipulativa diferenciada só irão surgir no registro fóssil e arqueológico por volta de 2.5 milhões de anos, período que coincide com uma grande diversificação de espécies de australopitecíneos e, segundo alguns especialistas, com o surgimento dos primeiros representantes de nosso gênero zoológico, o Homo. São dessa época o *Australopithecus africanus* (África do Sul), o *Australopithecus ghari* (Etiópia), o *Paranthropus aethiopicus* (Quênia), o *Paranthropus robustus* (África do Sul), o *Paranthropus boisei* (Tanzânia e Quênia), *Homo habilis* (Tanzânia) e *Homo rudolfensis* (Quênia).

Até há pouco, acreditava-se que as primeiras ferramentas de pedra lascada, que aparecem no registro arqueológico por volta de 2.5 milhões de anos e que atestam, de maneira inquestionável, o surgimento de uma capacidade manipulativa diferenciada, tinham sido fabricadas apenas pelos primeiros representantes do gênero Homo. A partir de 1909 ficou claro, entretanto, que as primeiras ferramentas de pedra foram confeccionadas também por representantes do gênero *Australopithecus* e talvez *Paranthropus*.

Essas primeiras ferramentas são muito simples e constituem-se basicamente de lascas cortantes retiradas de seixos ou blocos de pedra, por golpes diretos com percutores de rocha. Às vezes, esses seixos ou blocos lascados também eram utilizados como ferramentas, sobretudo para fraturar ossos de animais para se ter acesso à medula como alimento. Como fica implícito, esses hominídeos com certa destreza manual também foram os primeiros a incluir em sua dieta grande quantidade de proteína animal, obtida por meio de "carniçagem" e não da caça de grandes animais propriamente. Apesar dessa capacidade fabril emergente, esses hominídeos, no entanto, continuavam apresentando cérebros modestos, continuavam a se organizar em grupos muito pequenos como os símios africanos e não apresentavam qualquer capacidade de criação artística.

Em suma, nem a bipedia, nem a capacidade manipulativa trouxeram com elas as demais características humanas presentes em todos nós, hoje, e em nossa história recente.

O CRESCIMENTO DO CÉREBRO TORNOU-NOS HUMANOS?

Dois milhões de anos se passariam até que finalmente os cérebros dos hominídeos se tornassem significativamente maiores e mais complexos. Durante esses milhões de anos, nossos ancestrais deixaram finalmente a África, expandiram-se por quase todo o Velho Mundo, muito provavelmente domesticaram o fogo e passaram a caçar grandes presas regularmente.

As ferramentas líticas também se tornaram cada vez mais complexas e diversificadas, e as técnicas de lascamento aprimoraram-se tremendamente. Além das lascas brutas, que nunca foram abandonadas como instrumentos cortantes, os hominídeos passaram, também, a retocar as lascas

para moldar instrumentos específicos. A pedra e, muito provavelmente, a madeira eram as únicas matérias-primas utilizadas na fabricação de artefatos.

Quanto à época do aparecimento dos cérebros grandes e complexos, há divergência entre os autores. Uns acreditam que já estavam presentes há cerca de 1.8 milhões de anos, nas espécies *Homo ergaster* e *Homo erectus*. Realmente, os primeiros representantes desses hominídeos já apresentavam capacidade craniana superior a 800 cm³, bastante maior do que a de seus predecessores, cujos volumes não ultrapassavam 600 cm³ (repare que o chimpanzé e o gorila apresentam cérebros entre 450 e 550 cm³). Outros especialistas não aceitam essa evidência como marco do crescimento cerebral, já que essas mesmas espécies também foram os primeiros hominídeos a atingir nossa estatura média.

Com efeito, os australopithecíneos, os parantropíneos e os primeiros *Homo* tinham estaturas que variavam entre 1,0 m e 1,50 m. Alguns cientistas acreditam que o crescimento cerebral ocorrido nos *Homo ergaster/erectus* é ilusório e que se deu exclusivamente por razões alométricas (como o corpo cresceu, o cérebro também cresceu para dar conta do novo controle metabólico que um tamanho corporal grande exige). Em outras palavras, o crescimento cerebral ocorrido por volta de 1.8 milhões de anos não deve ter sido o resultado de seleção natural agindo sobre o fator inteligência.

A primeira vez, no registro paleontológico e arqueológico, que se detecta um crescimento real do cérebro (independente de aumento corporal como um todo) remonta a cerca de 800 mil anos, com o aparecimento do *Homo heidelbergensis* (que alguns separam em duas espécies: *Homo antecessor* e *Homo heidelbergensis*), às vezes chamado de maneira informal de *Homo sapiens arcaico*. Esses arcaicos apresentavam um volume cerebral de aproximadamente 1.200 cm³, volume esse que atinge nos Neandertais, também tratados por alguns autores como uma forma de *Homo sapiens arcaico*, até mesmo 1.600 cm³, valor maior do que a média do homem moderno que está por volta de 1.350 cm³. Que diferencial comportamental apresentavam esses primeiros hominídeos com cérebros realmente grandes e complexos? Teriam sido as demais características de "humanidade" garantidas com o advento de uma máquina superpensante? Aparentemente não. Se examinarmos os Neandertais (*Homo neanderthalensis*), por exemplo, que floresceram a partir de 200 mil anos, será que encontramos entre eles todos os traços que hoje caracterizam a humanidade? A resposta parece ser ainda pela negativa.

Muitos sítios arqueológicos e esqueletos neandertais são conhecidos hoje em dia, o que nos permite ter uma ideia bastante razoável das capacidades cognitivas, sociais e de abstração desses hominídeos. É certo que, assim como outras formas de arcaicos, os Neandertais desenvolveram uma indústria lítica bastante refinada, que exigia grande capacidade de planejamento e de execução por parte dos lascadores. Além disso, os Neandertais foram os primeiros hominídeos a enterrar seus

mortos, ainda que de maneira não-ritualizada. Entretanto, para os pontos que são realmente centrais na presente discussão, as evidências continuam apontando para a negativa.

As sociedades neandertais eram pequenas, com não mais do que 10 indivíduos por grupo, chegando alguns autores a propor que homens, mulheres e crianças nem mesmo viviam em articulação familiar. Além disso, nenhum tipo de vestígio material produzido pelos Neandertais pode ser, inquestionavelmente, interpretado como manifestação simbólica, estética ou artística. Os sítios escavados que foram ocupados por esses arcaicos também não mostram evidências de grande investimento em estruturas habitacionais. A pedra e provavelmente a madeira continuam sendo as únicas matérias-primas transformadas em instrumentos. Esses, por sua vez, apesar de numerosos (cerca de 20 tipos diferentes feitos sobre lascas retocadas), apresentavam grande regularidade geográfica, denotando ausência completa de criatividade e inventividade.

TORNAMO-NOS HUMANOS QUANDO SURTIU NOSSA ESPÉCIE?

Teria a humanidade, então, aparecido no planeta apenas e tão somente com o advento da espécie à qual todos pertencemos, o Homo sapiens, ou homem anatomicamente moderno? Para muitos essa poderia ser a melhor solução, já que seria possível sinonimizar humanidade com modernidade anatômica, o que se torna bastante razoável dentro de um pensamento biológico-evolutivo. Ledo engano.

Os primeiros homens modernos surgiram na África, há aproximadamente 120 mil anos e logo se expandiram para o Oriente Médio e, mais tarde, para todo o planeta, tendo chegado à Austrália, por exemplo, por volta de 50 mil anos atrás. Escavações arqueológicas conduzidas nos sítios arqueológicos dos primeiros homens anatomicamente modernos na África e no Oriente Médio revelaram, na última década, um fenômeno que pegou os especialistas de surpresa: esses primeiros homens anatomicamente modernos comportavam-se social e culturalmente como os arcaicos. Seus grupos eram pequenos, sua indústria restringia-se à modificação apenas da pedra e da madeira como matéria- prima, sendo que no caso da pedra os preceitos técnicos seguidos continuaram a ser os do Musteriense, os sepultamentos continuaram a ser não-ritualizados e, pelo menos até o momento, não há sinais de que se expressassem de maneira simbólica ou artística. Em outras palavras, a criatividade e a inventividade, sinais marcantes da humanidade atual e subatual, parecem não ter caracterizado também os primeiros homens anatomicamente modernos.

A EXPLOSÃO CRIATIVA

Desde quando, então, podemos dizer que há humanidade no planeta? A resposta é bastante modesta, se comparada às expectativas dos paleoantropólogos na década de 60: humanidade

mesmo, tal qual identificamos hoje até entre os grupos mais primitivos tecnologicamente ainda existentes, caracterizada pela bipedia, grande capacidade manipulativa manual, cérebro grande e complexo, organização social complexa, criatividade e grande capacidade de expressão simbólica, só pode ser evidenciada arqueologicamente apenas nos últimos 40 mil anos.

O que marca e como se caracteriza esse processo de humanização assim tão recente?

Primeiramente, é importante dizer que o processo final de humanização parece ter sido muito rápido, quase um evento, mais do que um processo. Esse fenômeno é conhecido na literatura arqueológica como a revolução comportamental ou a explosão criativa do Paleolítico Superior, período cultural que sucedeu o Musteriense, também conhecido como Paleolítico Médio. Em segundo lugar, é necessário enfatizar que a criatividade e a capacidade de expressão simbólica, incluindo a artística, apareceram já em toda a sua extensão de expressão e qualidade técnica. As primeiras manifestações artísticas, sejam elas mobiliárias ou parietais", já apresentam grande refinamento estilístico e técnico. Não se nota qualquer processo evolutivo dessas capacidades.

Mas o Paleolítico Superior caracteriza-se apenas pelo aparecimento da arte e da expressão simbólica? De maneira alguma. Na verdade, a expressão artística faz parte de um pacote comportamental mais abrangente, altamente criativo, que permeará todas as esferas materiais e imateriais da lógica de todos os homens a partir desse momento.

Os humanos passaram a explorar vários tipos diferentes de matérias-primas para fabricar seus instrumentos e objetos, incluindo aí ossos, chifres e dentes, dando origem àquilo que poderíamos chamar de uma verdadeira indústria óssea. Tal desenvolvimento também pode ser observado na confecção e costura de roupas e tecidos, que eram muito bem elaborados demonstrando uma preocupação funcional, estilística e étnica.

A indústria lítica, por seu turno, passa a ser praticada a partir do Paleolítico Superior com grande refinamento de formas, que variam localmente, transparecendo preocupações de identidade étnica, cujo maior resultado reflete num aumento bastante significativo de novos instrumentos: das poucas dezenas que caracterizavam a indústria do Musteriense a várias dezenas, extremamente especializadas em forma e função.

Os mortos passam a ser finalmente enterrados de forma ritualizada, com a deposição, nas covas, de uma grande diversidade de objetos mortuários.

Os grupos nucleares aumentam significativamente de tamanho, alcançando o número de 20 ou 30 indivíduos que claramente se articulam em comunidades maiores como grupos adjacentes, formando com eles redes sociais que transparecem, por exemplo, na troca de matérias-primas, transportadas muitas vezes de centenas de quilômetros de distância dos locais de habitação. Esses grupos, mais estruturados e certamente alinhavados por relações formais, passam agora a explorar um número

muito maior de fontes alimentares, sobretudo de proteína animal (inclusive aquáticas), aumentando significativamente seu raio de captação de recursos e organizando grandes empreitadas coletivas de caça e beneficiamento das presas abatidas.

Todas essas evidências deixam claro que o homem anatomicamente moderno, que apareceu no Paleolítico Médio, tornou-se, a partir do Paleolítico Superior, também o homem comportamentalmente moderno, tal qual o conhecemos no presente e no passado recente por meio de escavações arqueológicas e cuja característica principal pode ser expressa por uma palavra apenas: criatividade. Munido, agora, de uma criatividade ilimitada, de capacidade de comunicação simbólica e de grande plasticidade comportamental, não surpreende o fato de que rapidamente a humanidade substituiu em todos os rincões do planeta as pré-humanidades insinuadas pelas formas arcaicas, incluindo aí os Neandertais, cuja resistência na Europa não ultrapassou 12 mil anos de coexistência.

Em resumo, podemos dizer que a origem da arte pode ser vista muito mais como resultado de uma revolução do que de uma evolução e de que ela faz parte de um pacote mais amplo que define, na escalada evolutiva dos homínídeos, a presença na Terra, ainda que tardia, de uma humanidade de fato.

A ARTE PALEOLÍTICA

Falar de arte a respeito de culturas pré-históricas é uma maneira ocidental e moderna de interpretar produções cujo sentido real desconhecemos. Em várias línguas -inclusive as neolatinas até o período moderno -, o conceito nosso de "arte", que designa obras criadas para o puro deleite estético, não existe. Não que a sensibilidade e o gosto estético sejam desconhecidos, mas o que chamamos "beleza" é mais relacionado ao modo "correto", a perfeição com a qual são realizados objetos que têm uma finalidade utilitária, não sendo destinados antes de tudo à fruição estética. De qualquer forma, sendo já tradicional entre nós a denominação "arte" para qualquer grafismo paleolítico, apresentaremos aqui o que se convém chamar arte pré-histórica, como um etnólogo chegado de outras galáxias e que considerasse "arte" inclusive nossos grafites em banheiros.

Nos últimos anos, foram encontrados vestígios de arte rupestre paleolítica bem datados com 28 mil anos na África (gruta Apollo 11, na Namíbia) e até mais de 32 mil na Europa (gruta Chauvet, na França). Mais controversas são as idades das primeiras obras australianas, asiáticas e americanas. De qualquer forma, a arte já era um fenômeno universal no final do período paleolítico, para o qual se conhecem cerca de 300 sítios rupestres, contando com cerca de 30 mil figuras parietais registradas. Vamos nos deter aqui essencialmente na arte europeia, de longe a mais bem conhecida.

A GRANDE VARIEDADE DAS FORMAS DE ARTE PALEOLÍTICA

Encontramos uma grande variedade nas artes visuais paleolíticas. Tradicionalmente, diferenciam-se as obras mobiliares (portáteis) das rupestres (a palavra rupe-is significa "rochedo" em latim e deu nascimento à palavra rupestre) ou parietais.

Entre as primeiras incluem-se os adornos corporais -fossem eles simples enfeites ou tivessem também um papel para expressar o status social e étnico. Muitos desses artefatos acompanhavam os mortos na sepultura, como as contas discoidais de concha de Sungir (Rússia), os dentes perfurados de cervo (Europa ocidental) ou de raposa (Europa oriental), também usados em colares.

Outros objetos menores são estatuetas modeladas no barro - eventualmente endurecido pelo fogo ou ainda esculpidas na madeira, ou no marfim de mamute; são numerosas na Europa central e oriental. Artefatos utilitários eram frequentemente decorados com motivos geométricos ou figurativos: desde crânios de mamutes pintados (na Ucrânia) até armas como pontas de azagaia de osso e propulsores de dardos de chifre, lamparinas de pedra ou zunidores (na Europa ocidental), todos trabalhados por incisão ou excisão.

Tanto na África quanto na Europa, decoravam-se certos espaços na entrada de abrigos e grutas com placas de pedra gravadas ou pintadas com figuras animais (400 placas decoradas na gruta espanhola de El Parpallo!).

As manifestações mais conhecidas da arte paleolítica, no entanto, são as pinturas e gravuras rupestres encontradas desde a entrada dos abrigos rochosos (centro-oeste da França) até na escuridão das grutas, ao longo de quilômetros de galerias. Nestes últimos anos verificou-se a existência de gravuras rupestres também a céu aberto, como em Foz Côa (Portugal).

A criação visual era completada pela criação sonora: muitas flautas (ou apitos) com até 7 perfurações foram encontrados na Europa e na África. Outros possíveis instrumentos são peças de osso em forma de peixe, que se supõe terem sido fixadas a uma corda e giradas para provocar um assovio, como os modernos zunidores australianos ou de indígenas brasileiros. É muito mais difícil verificar as asserções segundo as quais crânios de mamute teriam sido utilizados como tambores na Ucrânia (Mezine) ou cortinas estalagmíticas como litofone no centro da França, embora apresentem marcas de percussão.

Obviamente, muitas das obras artísticas do passado não foram ainda descobertas e a maioria desapareceu com o tempo. Temos pouca esperança de saber um dia se os homens e as mulheres pintavam o corpo, qual era sua literatura oral e como dançavam.

O que já sabemos é que tinham uma sensibilidade e uma capacidade criativa certamente iguais às nossas. O exame da produção evidencia a existência tanto de verdadeiros Mestres (na gruta Chauvet, por exemplo) quanto de imitadores medíocres. Nem faltava o toque canalha dos falsários:

quando faltavam caninos de cervo, os "ourives" paleolíticos esculpiam no osso falsos dentes para contentar a clientela com uma bijuteria de segunda. Como disse Hitchcock, logo que existe arte, existe falsificação.

COMO DATAR AS OBRAS PALEOLÍTICAS

Os objetos de arte mobiliár só poderiam ser datados diretamente sacrificando-se uma parte de sua matéria (osso ou madeira), o que dificilmente é aceito pelo pesquisador ou museólogo. Felizmente, os que foram encontrados em escavações controladas e posteriores a 1950 podem ser datados por associação com as fogueiras da mesma camada arqueológica e cujo carvão pode ser analisado. Os achados mais antigos têm sua idade estimada por suas características e pelas dos mais típicos objetos associados, o que não permite uma grande precisão e deixa margem para falsificações. A arte parietal, até os anos 1990, era reconhecida por critérios temáticos (representação de animais extintos) e também autenticada por meio de critérios estilísticos. Por vezes era possível demonstrar que a entrada de uma gruta tinha sido entupida por sedimentos no período Paleolítico, fato que garantia que os vestígios encontrados em seu interior eram realmente dessa época. Nos últimos anos desenvolveram-se técnicas - ainda experimentais - que permitem datar diretamente os pigmentos de pinturas - ou as concreções que os cobrem - a partir de amostras mínimas. Dessa forma, chega-se a um resultado muito mais preciso, que apresenta também uma boa credibilidade, quando várias análises fornecem resultados convergentes. Infelizmente, o método do radiocarbono por AMS não se aplica às pinturas que não comportam elementos orgânicos, o que ocorre frequentemente, pois os pigmentos que se conservaram são geralmente óxidos de ferro (vermelho a amarelo) e de manganês (preto). Apenas os traços pretos feito de carvão e as tintas cuja receita envolvia uma liga orgânica podem dar resultados.

Por enquanto, datações radiocarbônicas foram realizadas em menos de 20 grutas européias. No entanto, podemos já perceber algumas tendências, embora seja cedo para esboçar uma periodização ou definir com precisão estilos regionais.

Na Europa ocidental, as gravuras mais antigas da gruta Chauvet, do Aurinhacense, foram praticamente apagadas por pinturas posteriores, executadas há pouco mais de 30 mil anos. Já nesse momento, portanto, pintavam-se nas grutas escuras figuras de animais particularmente perigosos como o mamute, o rinoceronte, o urso e o leão das cavernas. Mas será que a arte desse sítio é representativa da época? Os artistas de Chauvet demonstram uma maestria excepcional; também utilizavam, para representar a perspectiva, convenções semelhantes às nossas e que desapareceram a seguir, durante milênios, até o final do Magdalenense. Não teriam também sido originais na escolha de seus temas?

Do final do período Aurinhacense e do seguinte (Gravetense), há poucas obras elaboradas conhecidas, mas verificou-se, na gruta Cosquer, a existência de um momento caracterizado por numerosos traços digitais serpentiformes feitos com os dedos nas argilas, seguidos por mãos pintadas em negativo.

Entre 18 mil e 12 mil anos atrás, o número de sítios e de figuras datadas multiplica-se e a temática dos períodos Solutrense e Magdalenense é dominada pelas figuras do cavalo e dos bovídeos (touro, vacas e bisões), completada por figuras de cervos ou renas, enquanto que os animais do período inicial continuam sendo representados nas esculturas e gravuras da Europa oriental. Lá, as esculturas representavam também mulheres e eram abandonadas no chão das habitações (400 lajes gravadas foram encontradas em Gönnersdorf, Alemanha). Nessas regiões continentais, os homens não costumavam decorar as grutas (sabe-se apenas de duas que apresentam pinturas, nos Montes Urais). Essa tradição se estende até a Sibéria, onde 30 estatuetas femininas, bem como elegantes figurações de cisnes, foram encontradas em Malta, perto do lago Baikal.

Mesmo na Europa ocidental é possível reconhecer estilos regionais: a forma das representações não é a mesma nos Pirineus (fronteira hispano-francesa), no sudeste e no centro da França.

A EVOLUÇÃO DO OLHAR CIENTÍFICO

As primeiras obras paleolíticas encontradas por curiosos em Niaux, na França do século XVI, foram consideradas obras de pastores ociosos e não mereceram estudos, embora fossem mencionadas numa espécie de guia turístico para viajantes da época.

A partir de 1860, com a descoberta de objetos decorados in situ nas camadas arqueológicas, verificou-se que os desenhos de animais extintos eram contemporâneos da era geológica então chamada "Idade do Gelo". Numa época em que vingava a teoria da "arte pela arte", parecia absurdo pensar que essas delicadas incisões pudessem ter alguma finalidade prática.

Com os relatos sobre os rituais mágicos de aborígenes australianos e o reconhecimento das pinturas parietais em grutas na virada do século, as opiniões modificaram-se. Com efeito, não se justificava pintar obras com destino puramente estético em lugares escuros. Outrossim, acreditava-se que os então chamados "primitivos" fossem "fósseis vivos" cuja cultura refletiria exatamente os hábitos da Idade da Pedra; por isso a arte paleolítica foi imediatamente assimilada aos desenhos da tribo Arunta, destinados a implementar uma magia da caça. Essa visão foi facilitada pela predominância visual (se não quantitativa) dos animais sobre as figurações humanas (essas, raríssimas) e os grafismos geométricos (numerosos, porém discretos) e pela ausência de cenas narrativas; predominou durante meio século e deixou marcas até hoje.

Nos anos 60, os pesquisadores A. Laming-Emperaire e A. Leroi-Gourhan criticaram essa crença; já se sabia que os pretensos "primitivos" tinham culturas bem diversas umas das outras e a partir das quais não se podia extrapolar para o mundo simbólico pré-histórico. Quase nenhum dos milhares de grafismos conhecidos podia ser interpretado como uma representação de caça. Assim sendo, esses pesquisadores procuraram estudar as obras evitando ser levados pelos pressupostos da própria cultura. No entanto, não deixavam de participar do ambiente estruturalista de seu tempo e procuraram, sobretudo, verificar se não haveria uma ordem escondida atrás da desordem aparente das representações. Notaram a existência de associações preferenciais entre certos temas (bovídeos e cavalos, por exemplo) ou entre as espécies representadas e sua localização topográfica na gruta. Em suas análises, deram uma atenção muito grande às figuras não-figurativas, até então pouco comentadas. Pouco antes de sua morte acidental no Brasil, A. Emperaire tentava decifrar, em certos arranjos de Lascaux e Altamira, uma possível projeção de um sistema de aliança entre grupos clânicos.

Mais recentemente, a importância crescente das drogas nas nações ocidentais levou a destacar, na arte pleistocênica, imagens que pudessem refletir estados de transe e alucinação. As obras rupestres teriam sido pintadas por xamãs (misto de sacerdotes e médicos encontrados em várias populações tradicionais) sob ação de drogas, expressando suas experiências com um outro mundo sensorial e simbólico; dessa forma, voltava-se ao velho comparativismo etnográfico. Outros pesquisadores procuram identificar, em ossos entalhados, os primeiros registros de fenômenos cíclicos (calendário) ou de construções geométricas padrões; procura-se ver em que medida os grafismos teriam sido realizados em pontos que apresentassem características acústicas especiais; analisam-se os detalhes de postura e de pêlo dos animais para identificar atitudes características, eventualmente sazonais (período de cio, pelagem de inverno) etc.

Todas as teorias generalizantes, que refletem as preocupações vigentes da época de cada pesquisador, pretenderam explicar o conjunto da produção artística pré-histórica. No entanto, essa foi realizada durante dezenas de milhares de anos por culturas bem diversas entre si e separadas por milhares de quilômetros. Sabendo que o Homo sapiens era tão criativo quanto nós 30 mil anos atrás, parece óbvio que suas manifestações artísticas apresentaram vários sentidos e que todas essas teorias podem potencialmente aplicar-se a algumas dessas produções. Assim sendo, devemos hoje analisar cada conjunto regional e cronológico em função de suas características próprias e não lhe atribuir um sentido a partir de nossas ideias preconcebidas sobre o que deviam pensar nossos longínquos antecessores.

REVOLUÇÃO OU EVOLUÇÃO?

O quadro que pintamos até o momento sobre a origem da humanidade e da expressão simbólica é, de fato, aquele que predomina entre os especialistas no momento. Há, entretanto, alguns especialistas que acreditam que a capacidade de simbolizar, assim como outras características típicas da humanidade atual, tiveram um longo processo evolutivo, sendo a explosão criativa do Paleolítico Superior um fenômeno apenas quantitativo. Para esses estudiosos, o registro arqueológico anterior a 40 mil anos mostra também evidências inequívocas de manifestação estética e simbólica.

A primeira dessas manifestações remete-se ainda aos Australopithecíneos Plio-pleistocênicos. Na caverna de Makapansgat, na África do Sul, onde vários esqueletos de Australopithecus foram encontrados na primeira metade do século XX, destaca-se um pequeno seixo de material ferruginoso que, por coincidência, e por ação apenas de fatores ambientais, parece mostrar uma feição humana, com dois olhos e uma boca. Será que foi essa feição humana que chamou a atenção dos Australopithecus que ali viveram, fazendo com que eles o recolhessem na natureza e o trouxessem para seu local de moradia ou pernoite? Se a resposta for positiva, será que esse ato estaria revelando uma certa sensibilidade desses primeiros hominídeos a formas específicas?

Os próximos exemplos daquilo que poderia ser considerado como sensibilidade estética remetem-se à indústria Acheulense, usada por nossos ancestrais entre 1 milhão e 400 mil anos e cerca de 200 mil anos atrás. O objeto que tipifica essa indústria lítica é o machado de mão, bifacialmente lascado. Os primeiros desses instrumentos, cujas funções ainda não estão totalmente esclarecidas, são bastante rústicos e pouco simétricos. Por volta de 300 mil anos antes do presente, entretanto, esses machados de mão bifaciais passam a apresentar uma simetria impressionante, certamente não determinada apenas por necessidades funcionais. Mais ainda, alguns desses instrumentos que foram fabricados sobre rochas contendo fósseis de moluscos, foram lascados de forma a manter esses fósseis em posição central e privilegiada, sugerindo, para alguns, função decorativa.

Exemplos de possíveis manifestações estéticas antes do Paleolítico Superior não param por aí. Aliás, vários sítios arqueológicos a partir de 300 mil anos mostram resíduos daquilo que alguns interpretam como pigmentos e corantes que poderiam ter sido, potencialmente, usados para funções decorativas corporais. De Israel vem o melhor exemplo do que poderia ter sido uma estatueta esculpida por mãos humanas nesse período. No sítio de Berekhat Ram, datado de 250 mil anos, um pequeno pedaço de rocha parece ter sido esculpido propositalmente de forma a simular um corpo feminino. Contudo, há uma grande divergência entre os autores sobre o caráter antrópico dessa possível representação. Entre os neandertais, a lista de possíveis sinais de representações simbólicas é bastante pródiga, mas não menos polêmica. Elas variam desde ossos com incisões repetidas e às vezes paralelas até

plaquetas cujas incisões se mostram coloridas por ocre, um tipo de pigmento muito popular nos rituais dos grupos primitivos atuais e subatuais. Além disso, sabemos que os neandertais foram os primeiros a sepultar, regularmente, seus mortos. Alguns especialistas têm tentado demonstrar, desde sempre, que alguns desses sepultamentos, pelo menos, parecem ter tido caráter ritual incontestável, o que está longe de atingir qualquer senso de unanimidade. Mas, se os neandertais não enterravam seus mortos por razões simbólicas, porque então o teriam feito? Para alguns especialistas essa poderia ter sido uma medida de caráter essencialmente higiênico. Para outros, ela poderia ter tido razões puramente práticas, como por exemplo evitar que os cadáveres pudessem atrair predadores naturais às cavernas que habitavam.

Há, entretanto, um exemplo incontestável de que os neandertais fabricaram e usaram adornos pessoais: no sítio de Arcy-sur-Cure, na França, os últimos neandertais franceses, datados de aproximadamente 35 mil anos, foram encontrados associados a adornos pessoais, fabricados localmente. E mais. Esses adornos estão associados no registro arqueológico a instrumentos de osso e ao lascamento laminar da pedra.

Teriam sido, então, os últimos neandertais capazes de desenvolver, por eles mesmos, características que até recentemente pareciam exclusivas do homem moderno do Paleolítico Superior? A maioria dos autores conclui pela negativa. Não podemos nos esquecer de que ao mesmo tempo que esses neandertais ainda vagavam pelas paisagens frias da Europa, os homens anatómica e comportamentalmente modernos também estavam presentes nas mesmas regiões. Assim, tudo parece indicar que esses últimos neandertais foram capazes, apenas, de observar e copiar alguns comportamentos de seus vizinhos mais sofisticados tecnologicamente.

Em outras palavras, é até possível que os últimos neandertais (que desapareceram da face da Terra por volta de 29 mil anos atrás) tenham sido capazes de emular as técnicas de beneficiamento de matérias-primas diversas que seus vizinhos modernos empregavam, mas dificilmente esses objetos foram incorporados às suas vidas revestidos de qualquer significado.

Notas

- 1 A partir da segunda metade de 1999, o status dos primeiros representantes do gênero Homo (Homo habilis e Homo rudolfensis) foi contestado, sendo proposto que eles fossem incorporados ao gênero Australopithecus ou Paranthropus.
- 2 Povos que dependem exclusivamente da exploração de vegetais e animais encontrados à disposição no meio ambiente em que vivem. Não praticam a agricultura, tampouco a criação de animais. Em geral organizam-se em bandos que não ultrapassam 30 pessoas.
- 3 Atualmente, sabe-se que compartilhamos mais de 95% de nosso código genético com os grandes símios do velho mundo, o que os torna nossos parentes mais próximos na escala evolutiva.

4 Apesar de compartilharmos com outros primatas o polegar oponível, a mão humana permite uma manipulação de objetos fina, graças ao desenvolvimento do movimento de pinça deste dedo e de um controle preciso da força utilizada na manipulação de objetos.

5 Alguns especialistas acreditam que a ingestão da porção medular do osso, o tutano (altamente energético), foi fundamental para os primeiros Homo e para os últimos Australopithecíneos.

6 Podemos considerar manifestações artísticas mobiliárias aquelas criadas na forma de um objeto, como uma estátua, um pingente ou um bastão. Já a arte parietal é aquela encontrada geralmente na forma de pinturas (arte rupestre) e representações nas paredes de abrigos ou cavernas.

BIBLIOGRAFIA DE BASE

ANATI, E. *Les Origines de L'art et La Formation de L'esprit Humain*. Paris, Albin Michel, 1989.

APPENZELLER, T. Art: Evolution or revolution? *Science*, 282:1451-1454. 1998.

BAHN, P. & VERTUT, J. *Images of the Ice Age*. Londres, Windward, Smith and Son, 1988.

BARKOW, J.; COSMIDES, L. & TOOBY, J. *The Adapted Mind. Evolutionary Psychology and the Ceneration Of Culture*. Nova York, Oxford Univ. Press, 1992.

CHAUVET, J.M.; DESCHAMPS, E.B. & HILLAIRES, C. *La Orotte Chauvet*. Paris, Le Seuil, 1995.

CLOTTE, J. & COURTIN, J. *La Grotte Cosquer*. Paris, Le Seuil, 1992. DEACON, T. *The Symbolic Species. The Co-Evolution of Language and the Human Brain*. The Penguin Press, Allen Lane, 1997. FOLEY, R. *Humans Before Humanity*. Oxford, Blackwell Publisher, 1997. HAYDEN, B. The cultural capacities of Neandertais: a review and reevaluation. *Journal of Human Evolution*, 24:113-146. 1993. LAMING-EMPERAIRE, A. *La Signification de l'Art Rupestre Paléolithique*. Paris, Picard, 1962.

LEROI-GOURHAN, A. *Préhistoire de l'Art Occidental*. Paris, Mazenod, 1965. LEWIN, R. *Evolução Humana*. São Paulo, Atheneu Editora, 1999. MITHEN, S. *The Prehistory of the Mind. The Cognitive Origins of Art, Religion and Science*. Londres, Thames and Hudson, 1996. NOBLE, W. & DAVIDSON, I. *Human Evolution, Language and Mind*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1996.

TATTERSAL, I. *Becoming Human: Evolution and human uniqueness*. Harcourt Brace, 1998.

TATTERSAL, I. Once we were not alone. *Scientific American*, 282:38-44. 2000.

PLOTKIN, H. *Evolution in Mind. An Introduction to Evolutionary Psychology*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1998.

A PRIMEIRA DESCOBERTA DA AMÉRICA

ANDRÉ PROUS

CURADOR ASSOCIADO

WALTER NEVES

CURADOR

Sabendo-se que não houve na América grandes primatas que pudessem evoluir para a forma humana, temos de aceitar que os homens vieram de outro(s) continente(s). Mas de onde teriam vindo e quando isso ocorreu?

O PROGRESSIVO RECONHECIMENTO DA ANTIGÜIDADE DO POVOAMENTO DA AMÉRICA

Desde o século XIX, descobertas esporádicas levantaram a hipótese de que a ocupação da América pelos humanos possa ter ocorrido há muitos milênios. Por volta de 1840, o naturalista dinamarquês P. W. Lund encontrou ossos humanos misturados a ossos de animais hoje extintos na caverna de Sumidouro (município de Pedro Leopoldo, perto de Lagoa Santa - MG), fazendo que se acreditasse na presença de um "homem antediluviano" na América.

No início do século XX, uma revisão de todos os achados desse tipo, feita pelo antropólogo norte-americano A. Hrdlicka, mostrou tratar-se de ocorrências sem credibilidade. No caso de Sumidouro, por exemplo, os ossos de vários homens e animais tinham sido trazidos em várias épocas pelas enxurradas e achavam-se misturados sem que isso implicasse coexistência no passado.

A partir desse momento, os antropólogos americanos passaram a desenvolver uma grande resistência para qualquer suposição de que a antiguidade do homem pudesse ultrapassar uns poucos milênios na América. No Brasil, sucessivas expedições realizadas na região de Lagoa Santa até 1955 não evidenciaram a associação entre o homem e a fauna extinta afirmada por Lund, e sua intuição de uma grande antiguidade do homem em território brasileiro foi desconsiderada até o final dos anos 60. No entanto, a descoberta de artefatos de pedra em meio a ossadas de animais extintos (mamute e bisão de chifres grandes) em sítios como os de Folsom e de Clóvis (nos desertos do Novo México, EUA), entre 1926 e 1940, demonstrou que os primeiros imigrantes tinham realmente conhecido e caçado uma fauna hoje desaparecida. Nos anos 50, análises feitas pelo primeiro método de radiodatação disponível - radiocarbono - demonstraram que esses vestígios tinham pouco mais de 10 mil anos. Os achados desse tipo multiplicaram-se na segunda metade do século, datando as culturas dos chamados "paleo-índios" entre 10.000 e 11.500 anos (final do período geológico anterior ao

nosso, chamado Pleistoceno). Foi então definida a existência de duas culturas sucessivas, Clóvis - mais antiga - e Folsom - um pouco mais recente. Seus principais vestígios são pedras trabalhadas (geralmente os únicos artefatos que se puderam preservar até hoje) que evidenciam uma tecnologia sofisticada e peculiar. Essa tecnologia inclui uma maneira especial de extrair lascas e lâminas de um bloco de pedra e pontas destinadas a armar as varas de madeira dos caçadores. Essas pontas apresentam uma preparação original da base para fixação na haste, que os arqueólogos chamam "canelura" e que se conhece apenas entre os paleoíndios.

A VIA DE ENTRADA PARA A AMÉRICA

Como os índios atuais e históricos, bem como os Inuit (autodenominação dos Esquimós), apresentam um parentesco biológico evidente com populações asiáticas modernas, considerou-se que os primeiros americanos teriam chegado a partir do nordeste da Ásia.

Não havendo indícios antigos de colonização antiga nas ilhas do Pacífico, parece que a rota mais provável para entrada dos homens seria pela Beringia (região que inclui o extremo leste siberiano, o extremo oeste do Alasca e o atual Estreito de Bering). Com efeito, sabia-se que, durante as sucessivas glaciações (períodos mais frios que os atuais) que marcaram o Pleistoceno, a enorme quantidade de água retida nas regiões polares na forma de gelo fez que o nível dos oceanos baixasse muito -cerca de 120 metros no último máximo glacial, entre 20 mil e 17 mil anos atrás. Dessa forma, era possível passar a pé entre a Sibéria e o Alasca. Foi assim que muitos mamíferos do Velho Mundo - como o mamute - penetraram na América do Norte; outros mamíferos e seus predadores fizeram o mesmo - o homem inclusive. Mesmo assim, tendo penetrado até o Alasca atual, não era fácil dirigisse para o sul.

O caminho marítimo parece o mais óbvio, sabendo-se que pelo menos alguns Homo sapiens conheciam formas de embarcações desde pelo menos 50 mil anos atrás, tendo já alcançado a Austrália. No Ártico, as águas são ricas em peixes e mamíferos marinhos e, abaixo do Alasca, o litoral dirige-se rapidamente para as regiões sulinas, mais temperadas. No entanto, todos os especialistas desse ambiente apontam a dificuldade em sobreviver nessa região inóspita - sobretudo em tempos pleistocênicos, quando as geleiras precipitavam-se diretamente no mar, quase não deixando porções de terra aflorando na costa. Seria impossível passar por milhares de quilômetros nesse ambiente sem dispor de uma tecnologia muito avançada e adaptada; ora, essa foi desenvolvida somente num período bem mais recente - pelos Esquimós. Dessa forma, o caminho do mar foi descartado pela maioria dos pesquisadores da segunda parte do século XX.

Outros sim, existe um grande problema para se verificar a existência de uma rota marítima: os eventuais sítios arqueológicos que poderiam atestá-la estão hoje cobertos por cerca de cem metros de água gelada.

Os arqueólogos passaram, pois, a considerar preferencialmente o outro caminho possível, pelo interior das terras. Caminhando para leste, ao longo do rio Yukon, os pioneiros teriam alcançado o vale do Mackenzie; de lá, seria possível seguir para o sul seguindo os rios até os territórios mais amenos dos atuais EUA.

Mas não se tratava de uma opção simples: nos períodos mais frios, as duas geleiras que cobriam respectivamente as Montanhas Rochosas (a oeste) e o escudo canadense (ao norte e a leste) juntavam-se, impedindo a progressão para o sul. Nos períodos mais quentes, o mar separava o Velho do Novo Mundo. Apenas durante momentos privilegiados (cuja data é objeto de debate entre especialistas, sendo o último durante o Pleistoceno provavelmente anterior a 27 mil ou 30 mil anos atrás) era possível a passagem por um corredor livre de gelo. De qualquer forma, as pesquisas focalizaram o caminho do Yukon, levando a descoberta de possíveis sítios arqueológicos em Old Crow e Blue Fish.

Em todo caso, sendo os portadores da cultura Clóvis os primeiros americanos e sendo eles bem datados em até 11.500 anos nos EUA, a presença humana mais ao sul só poderia ser mais recente, já que os colonizadores seriam provenientes do noroeste.

HOUVE UM POVOAMENTO PRÉ-CLÓVIS?

A partir dos anos 60, no entanto, várias ocorrências levaram a questionar a idéia de que as populações de cultura Clóvis teriam sido as primeiras a entrar na América (hipótese "pré-Clóvis") sem, no entanto, convencer a maioria da comunidade científica.

Por exemplo, na América do Norte, o sítio de Calico (Califórnia) apresentava pedras lascadas num contexto geológico entre 80 mil e 150 mil anos. Esqueletos provenientes de antigas escavações e guardados em museus eram datados por uma nova técnica (racemização de aminoácidos) em mais de 40 mil anos etc.

De fato, verificou-se que os "artefatos" das camadas geológicas antigas de Calico eram de origem accidental (existem vários processos naturais que fragmentam o sílex, imitando os artefatos mais toscos produzidos pelos homens). Quanto à análise de racemização, foi abandonada como método de datação e todas as datações dos ossos humanos supostamente paleolíticos foram revistas para baixo (menos de 11 mil anos) a partir de novas análises utilizando o método de Carbono - 14 por AMS2, que apresenta credibilidade muito maior.

O abrigo de Meadowcroft, no entanto, apresenta uma indústria datada em cerca de 19 mil anos e foi escavado de maneira exemplar; parece difícil duvidar desse achado, mas os vestígios paleobotânicos (pólen fóssil) apontam para uma vegetação local temperada, enquanto o sítio encontrava-se a pouca distância da geleira que ocupava a atual fronteira entre o Canadá e os EUA. Dessa forma, enquanto não se acha uma explicação definitiva, boa parte da comunidade científica continua relutando em aceitar a antiguidade dessa ocorrência. Novos candidatos aparecem a cada ano, como Cactus Hill, Savannah River e Topper nos estados da Carolina do Sul, Carolina do Norte e de Geórgia, descobertos no final dos anos 90, mas os próprios pesquisadores desses sítios mostram-se muito prudentes, esperando confirmar seus dados por meio de vários métodos antes de afirmar uma antiguidade de mais de 11.500 anos para seus achados.

Inesperadamente, foi da América do Sul que surgiram os elementos mais fortes para discutir a opinião -generalizada entre os norte-americanos até o final do século XX - de que as populações Clóvis representavam os pioneiros da humanidade no Novo Mundo. Além de sítios com datações extremamente antigas, mas que apresentam aspectos controversos (entre eles, o Boqueirão da Pedra Furada, no Brasil), alguns apresentam vestígios inquestionáveis da presença e da atividade humana e são contemporâneos ou até um pouco mais antigos que os sítios de época Clóvis dos EUA. Entre outros, mencionaremos aqui os abrigos brasileiros da Lapa do Boquê em Minas Gerais (escavada entre 1981 e 1998) e da Pedra Pintada no Amazonas (escavada no início dos anos 90), ambos com ricos solos de ocupação datados entre 11 mil e 12 mil anos. Na Lapa Vermelha IV de Pedro Leopoldo (MG), encontrou-se um esqueleto datado entre 11.000 e 11.500 anos, a chamada "Luzia", escavado durante as campanhas de 1974/5. Mais provocativa ainda, a ocupação a céu aberto de Monte Verde II, no Chile meridional, datada de cerca de 12.500 anos está sendo agora aceita por uma boa parte dos arqueólogos, após anos de calorosos debates.

Assim sendo, o século XXI abre-se com novas perspectivas: se existiam Homens há mais de 11.500 anos na América do sul, eles não poderiam ser descendentes das populações Clóvis da América do Norte. Ou uma primeira leva de imigrantes penetrou bem mais cedo no continente (hipótese "pré-Clóvis") ou então, teria penetrado na América meridional sem passar pela Beringia (hipótese de uma migração transoceânica, praticamente rejeitada por todos na segunda metade do século XX). Outrossim, estudos paleoambientais realizados nesses últimos anos sugerem que o "corredor" livre de gelo no Canadá e no Alasca teria sido um deserto, sem vegetação e, portanto, sem animais nem possibilidade de sustento para o Homem entre 30 mil e 12 mil anos atrás. Além disso, o rio Mackenzie teria corrido, na época, no sentido leste-oeste e não sul-norte; não serviria, portanto, de guia para as populações humanas. Dessa forma, uma migração inicial pelo norte teria de ser anterior a 30 mil anos ou ter ocorrido pelo litoral.

Não é possível chegar a uma conclusão definitiva sobre esses assuntos, pois cada ano traz informações novas, frequentemente contraditórias. Trata-se, agora, de encontrar novos sítios e testar novos métodos. É preciso não se deixar influenciar pelas ideias preconcebidas, como ocorreu durante anos nos EUA, onde a maior parte da comunidade dos pré-historiadores negava a priori a possibilidade de qualquer povoamento pré-Clóvis. Essa barreira nunca foi considerada pelos arqueólogos sul-americanos, sendo apenas um exemplo de bairrismo norte-americano. Em compensação, é preciso manter-se muito cuidadoso na hora de afirmar a idade pleistocênica e a origem antrópica (ou seja, humana) de achados encontrados em contexto cronologicamente duvidoso ou pouco característico. Por isso, vários sítios que, possivelmente, poderiam testemunhar uma grande antiguidade do homem na América estão ainda sob suspeita enquanto seus pesquisadores procuram evidências definitivas.

E DEPOIS DE CLÓVIS?

Enquanto se discute a existência de um povoamento anterior a 12.500 anos e se tenta conhecer melhor as populações Clóvis e Folsom, os vestígios arqueológicos do período seguinte são muito numerosos e bastante diferentes dos paleoíndios. Esses vestígios caracterizam as culturas (ditas arcaicas) do início de nossa época geológica (o holoceno), que se desenvolvem enquanto se instalam as condições climáticas e faunísticas modernas.

Eram essas populações do período arcaico descendentes dos pioneiros, ou se trataria de novos imigrantes que teriam desembarcado nas Américas aproveitando a melhoria climática? Embora seja ainda cedo para oferecer uma resposta definitiva, estudos de paleobiologia sugerem que um novo tipo de população, com características asiáticas (ou seja, "mongoloides"), teria então assimilado ou substituído a primeira leva populacional a qual pertencia Luzia, que apresentava uma morfologia muito diferente da dos índios modernos. Os recém-chegados teriam trazido uma tecnologia diferente, explicando algumas das mudanças observadas no trabalho da pedra, enquanto outras modificações corresponderiam a uma adaptação das populações do período arcaico às novas condições ambientais.

QUADRO SOBRE SÍTIOS PLEISTOCÊNICOS SUL-AMERICANOS

Destacamos aqui alguns dos vários sítios sul-americanos que apresentam datações acima de 11 mil anos. Os primeiros apresentam vestígios de idade comparável a dos sítios Clóvis, implicando uma entrada do homem no continente numa data anterior a que tem sido tradicionalmente aceita na América do Norte. Os seguintes apresentam indícios - geralmente menos convincentes - anteriores em milhares de anos, sugerindo uma onda migratória anterior a 20 mil ou 30 mil anos. Sua pouca

visibilidade arqueológica seria consequência de uma baixa densidade demográfica, de uma ocupação preferencial pelos pioneiros de lugares posteriormente erodidos e de uma tecnologia que utilizaria pouco a pedra (e de maneira muito pouco característica), preferindo fazer instrumentos com materiais muito mais perecíveis e que não foram preservados.

Lapa do Boquê (Januária, MG) Situado no vale do rio Peruaçu (MG), este sítio foi escavado em conjunto pela UFMG e a Missão franco-brasileira de Minas Gerais. Os níveis inferiores apresentam ricos pisos de ocupação com estruturas de combustão, restos alimentares vegetais e animais. Os complexos instrumentos, feitos com pedras trazidas para dentro do abrigo, são típicos da chamada cultura Itaparica. Foram também registradas algumas marcas de postes e manchas de pigmento vermelho, mas não há certeza de que as pinturas que ornaram as paredes sejam dessa época. Várias análises de carvões dessa ocupação proporcionaram datas radiocarbônicas entre 11 mil e um pouco mais de 12 mil anos.

Pedra Pintada (AM)

Escavado sob a coordenação de A. Roosevelt, esse abrigo apresentou uma indústria abundante com pontas de projétil, nódulos de pigmento e restos alimentares. Numerosas datações apontam para uma ocupação entre 11.200 e 10.000 anos atrás. Baseados em similaridade de composição mineral entre os pigmentos enterrados e os dos grafismos rupestres, os autores supõem que as pinturas do teto teriam sido feitas nessa época.

Bacia do rio Uruguai (RS)

E. Miller escavou vários locais a céu aberto ao longo do rio Uruguai e de seus afluentes em território gaúcho. Definiu a fase Ibicuí a partir do material encontrado em 3 sítios onde se encontram espalhados ossos de megafauna (particularmente, de preguiça gigante) e alguns artefatos toscos sobre seixo de rochas locais. Encontram-se num mesmo nível estratigráfico, sendo portanto aproximadamente contemporânea, mas não há associação direta entre eles. Há duas datações de cerca de 12.700 anos - uma delas "diretamente relacionada ...(cultural e estratigraficamente)" à ocupação humana e a outra apenas estratigraficamente.

Quereo e Tagua-Tagua (Chile) Situados no litoral chileno central, estes sítios pesquisados por arqueólogos chilenos (L. Nunez, O. Montanê) apresentam níveis inferiores datados entre 11.000 e 11.400 anos. Parece tratar-se de locais de caça e esartejamento de cavalos e mastodontes; em um deles foram também consumidos moluscos marinhos. Encontraram-se uns poucos blocos de pedra (bigornas para quebrar ossos?) e raras lascas cortantes de rochas que não existem nesses locais (diorita em Quereo, obsidiana em Tagua-Tagua).

Taima-Taima (Venezuela)

As escavações mais recentes neste sítio aberto sobre duna foram realizadas por A. Bryan e R. Gruhn. Proporcionaram ossos de tatu gigante e de cavalos, junto com instrumentos toscos sobre seixo. O achado mais importante foi o de uma ponta de projétil de pedra dentro do esqueleto de um jovem mastodonte. Muitas datações apontam para uma idade entre 11.800 e 12.600 anos.

Lapa Vermelha (Pedro Leopoldo, MG) Os níveis pleistocênicos deste sítio, escavado sob a coordenação de A. Laming-Emperaire, são muito pobres. O esqueleto incompleto de uma mulher jovem ("Luzia"), típica da população de Lagoa Santa, foi perturbado pelas enxurradas, e os ossos redepositados cerca de 11 mil anos atrás. No mesmo pacote sedimentar foram coletados alguns coprólitos (fezes fósseis); um pouco mais recentes, apareceram ossos avulsos e coprólitos de preguiça gigante. Um instrumento retocado de pedra foi encontrado num conjunto sedimentar datado entre 15.300 e 22.000 anos. No entanto, por se tratar de uma ocorrência isolada, não se deve descartar a possibilidade de que seja intrusivo e tenha sido trazido por algum fenômeno natural desde camadas sedimentares mais recentes.

Santa Elina (Mato Grosso)

Escavada por uma equipe da Universidade de São Paulo (USP), sob a coordenação de Ágda Vilhena Vialou, este abrigo apresenta um nível datado de cerca de 10 mil anos, numa profundidade de 2 metros, com restos de preguiça gigante, uma indústria de calcário local e grandes fogueiras. Outro nível a 3 metros de profundidade também contendo ossos de preguiça gigante, lascas e plaquetas retocadas de calcário e sílex locais, foi datado entre 22 e 27 mil anos por três métodos diferentes.

Monte Verde I e II

O sítio aberto de Monte Verde II apresenta vestígios de mastodontes e alguns objetos de fibras e pedra (uma ponta, bolas), além de estruturas de combustão e, provavelmente, de habitação. Vários ossos e fragmentos de madeira, preservados na turfa, parecem ter sido trabalhados pelo homem. Apesar de algumas ressalvas, a maioria dos arqueólogos aceita agora uma origem humana para esses vestígios, datados de 12.500 anos. Possíveis indícios de presença humana, datados em 30 mil anos, são considerados com ceticismo, inclusive pelos próprios descobridores.

Pedra Furada

Escavado ao longo de 20 anos pela equipe franco-brasileira de Niède Guidon, o abrigo da Pedra Furada apresenta uma série de vestígios de interpretação polêmica em níveis datados entre 12 e mais de 40 mil anos. Trata-se de concentrações de carvão, seixos de origem local dos quais foram retiradas uma ou poucas lascas e bolas de pigmentos ferruginosos que teriam sido utilizados para pintar as paredes.

Notas

- 1 Denominação das populações humanas que moraram na América pleistocênica, até cerca de 10 mil.000 anos atrás.
- 2 Técnica de carbono 14 mais refinada, que permite datações em quantidades menores de material do que a técnica de carbono 14 convencional.

BIBLIOGRAFIA DE BASE

- ANDERSON, D. & GILLAM, J. Paleoindian colonization of the Américas: Implications from an examination of physiography, demography and artifact distribution. *American Antiquity*, 65:43-66. 2000. DILLEHAY, T. Monte Verde: A late Pleistocene settlement in Chile. Washington, Smithsonian Institution, 1997.
- N. GUIDON; PESSIS, A.M.; PARENTI, F.; FONTUGNE, M. & GUERIN, C. Nature and age of the deposits in Pedra Furada, Brazil - reply to Meltzer, Adovasio and Dillehay. *Antiquity*, 70:408-421. 1997.
- MELTZER, D.; ADOVASIO, J. & DILLEHAY, T. On a Pleistocene human occupation at Pedra Furada, Brazil. *Antiquity*, 68:695-714. 1994. MILLER, E. Pesquisas arqueológicas paleoíndígenas no Brasil ocidental. *Estúdios Atacameftos*, 8:37-61. 1987.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Editora UNB, 1991.
- PROUS, A. & FOGAÇA, E. Archaeology of the Pleistocene-Holocene boundary in Brazil. *Quaternary International*, 53/54:21-41. 1999.
- ROOSEVELT, A. C.; COSTA, M. L.; MACHADO, C. L.; MICHAB, M.; MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FEATHERS, J.; BARNETT, W.; SILVEIRA, M. I.; HENDERSON, A.; SILVA, J.; CHERNOFF, B; REESE, D.S.; HOLMAN, J. A.; TOTH, N. & SCHICK, K. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Américas. *Science*, 272:373-384. 1996.
- TENÓRIO, M.C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1999.
- VIALOU, A.V.M. & VIALOU, D. Les premiers peuplements préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 91:257-263. 1994.